

LEITURA DO TEXTO CINEMATOGRAFICO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO NA ARTE

Eliete Correia dos SANTOS²⁶

Maria de Fátima ALMEIDA²⁷

Resumo: O objetivo desse trabalho é fazer uma análise dialógica do discurso na arte cinematográfica. O aporte teórico é baseado em Bakhtin e o Círculo. A pesquisa comprova a concepção de linguagem dialógica, marcada pela presença do outro, na vida ou na arte; a unidade do texto pode ter uma harmonia das vozes (polifonia) ou o apagamento das vozes discordantes (monofonia). No artístico, a inter-relação do autor, do leitor e da obra deve ser colocada lado-a-lado como partes de um todo, pois as potencialidades da forma artística são representações dos enunciados das ações cotidianas, portanto aceitas ou não por uma sociedade.

Palavras-chave: Análise dialógica do discurso. Discurso na arte. Sociointeracionismo.

Abstract: *The aim of this paper is to analyze the dialogic discourse in cinematic art. The theoretical framework is based on Bakhtin and the Circle. The research proves the dialogical conception of language, marked by the presence of the other, in life or in art; the unity of the text may have a harmony of voices (polyphony) or deletion of the dissenting voices (monophony). In art, the interrelation of the author, the reader and the work should be placed side by side as parts of a whole, because the potentialities of the art form are representations of the utterances daily actions, therefore, accepted or not by a society.*

Keywords: *dialogic analysis of discourse. Discourse in art. Socio interactionism.*

²⁶ Doutoranda em Linguística (PROLING/UFPB/CAPES) e Mestre em Linguagem e Ensino (UFCG). Professora da UEPB/CCBSA/Campus V e atua nas disciplinas de Oficina de Texto I e II. Tem experiência também em Redação Publicitária e Jornalística. Membro dos grupos de pesquisa: Arquivologia e Sociedade, Estudos em Arquivologia e Sociedade – GEAAS, na Universidade Estadual da Paraíba e do Grupo de Pesquisas em Linguagem, Enunciação e Interação/GPLEI da UFPB e atua na linha de pesquisa: Discurso e Sociedade (UFPB). E-mail: professoraeliete@hotmail.com

²⁷ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco e mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. É professora adjunta IV da Universidade Federal da Paraíba - Campus I em João Pessoa. Participa do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PROLING na área da Linguística e Práticas sociais na Linha de pesquisa Discurso e Sociedade com ênfase em Linguagem, Discurso, Interação e Sentido. É líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação – GPLEI. Atualmente, participa de Estágio Pós-doutoral na UnB com pesquisa sobre leitura e formação docente.

Introdução

A ideia desse trabalho surgiu ao assistirmos ao filme *Freedom Writers* (conhecido no Brasil como *Escritores da Liberdade*) e das diversas discussões²⁸ sobre as principais noções formuladas no âmbito dos trabalhos do Círculo de Bakhtin que fundamentam a constituição de uma Análise Dialógica de Discurso (ADD).

Ler o filme, um texto verbo-visual, nos remete a várias reflexões, sejam pedagógicas, filosóficas, sociais, culturais; porém para esse trabalho, baseando-se nas cenas, levantamos as seguintes questões: 1. Como o cinema pode ser concebido com valor artístico, mas, sobretudo, em seu significado social e histórico? 2. O filme *Escritores da Liberdade*, entendido como texto polifônico, possibilita uma posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico?

Contextualização do filme “Escritores da Liberdade”

Escritores da Liberdade é uma obra diferente de várias que já conhecíamos, pois seu estilo é pedagógico, com uma professora apaixonada, humana, acima de tudo educadora que incentiva os alunos a lerem literatura, ponto de partida para testar a vocação de cada um para escrever desde um diário sobre o cotidiano trágico de suas vidas até uma poesia *hip hop* ou um livro de ficção, que possibilita aos alunos ouvirem sua própria voz, diferentemente de protagonistas como o “O triunfo”, “Sociedade dos poetas mortos”, “Escola da vida” que parecem mais teatrais, ou autoritário como “Meu mestre, minha vida”.

É um filme norte-americano lançado em 2007, dirigido por Richard La Gravenese, inspirado nos eventos reais narrados pelo livro *The FreedomWriter’s Diaries (Os diários dos escritores da liberdade)*, baseado nos relatos da professora Erin Gruwell (interpretada por Hilary Swank) e de seus diversos alunos. Essa história deu origem também à *Fundação Escritores da Liberdade*²⁹ que

²⁸ Essas discussões aconteceram nas aulas da disciplina **Tópicos Especiais em AD: Análise Dialógica do Discurso – ADD**, da pós-graduação em Linguística – PROLING/UFPB. Ampliamos o debate sobre essa temática numa comunicação realizada na ABRALIN – Curitiba, em fevereiro de 2011.

²⁹ No site da Fundação www.freedomwritersfoundation.org, podemos conhecer várias ações dessa instituição. Uma delas, chamada de “Speaking Engagements” consiste em Erin Gruwell e os *Escritores da Liberdade* oferecer grupos de estudo em alojamentos de juvenis para professores a

desenvolve várias ações em prol de estudantes que necessitam de bolsa de estudos e programas de formação continuada para professores.

Em 1994, na sala 203 de uma escola em Long Beach, Califórnia, Erin Gruwell, professora de Língua Inglesa e Literatura, enfrentou sua primeira classe de alunos, rotulados pela administração do colégio como adolescentes "em risco" ou "problemáticos". A classe era uma mistura de Afro-americanos, de Latinos, de Cambojanos, de vietnamitas, entre outros, muitos dos quais cresceram em vizinhanças agressivas e participavam de gangues de rua em Long Beach. Nas primeiras semanas de aula, os estudantes obstruíram a aula mostrando que não estavam interessados no que a docente tinha a ensinar, inclusive fazendo apostas sobre quanto tempo ela duraria em sua sala de aula. Atitudes que indicavam rejeição à nova professora, vista pelo corpo discente, como representante do domínio dos brancos nos Estados Unidos.

Apesar de aos poucos demonstrar desânimo em relação às chances de êxito no trabalho com aquele grupo, Erin não desiste de sua empreitada. Mesmo não contando com o apoio da direção da escola e dos demais professores, ela acredita que há possibilidades reais de superar as mazelas sociais e étnicas ali existentes.

Um fato muda o direcionamento da história. Quando uma caricatura racial de um dos estudantes afro-americano circulou na sala de aula, Erin Gruwell interceptou irritadamente o desenho e comparou-o às caricaturas dos judeus, feitas por nazistas durante o holocausto. Os estudantes responderam de forma confusa à sua comparação, o que chocou a professora ao descobrir que muitos de seus alunos nunca tinham ouvido sobre holocausto. Entretanto, quando perguntou quantos em sua classe tinham sido alvos de disparos, quase todos levantaram as mãos. Isto deixou Erin Gruwell chocada, porém inspirada a não desistir deles.

Assim, ela acredita no potencial de cada um de seus alunos, escuta-os e se importa com eles, conquistando a confiança do grupo e muda seus destinos, ao ajudá-los a resgatar, por meio da leitura e da escrita, a autoestima e a esperança de viver.

líderes de negócio. Outro trabalho é o Instituto Escritores da Liberdade, onde professores são treinados a usar o método adotado pelos mesmos em um seminário de cinco dias de duração, dado por Gruwell, que conta com o suporte dos originais Escritores da Liberdade. Há também o Programa de Bolsa de Estudos, que fornece suporte acadêmico e financeiro para os estudantes que possuem instabilidade financeira e familiar; estudantes que são os primeiros de suas famílias a se formar no colégio e frequentar uma faculdade; estudantes que têm o inglês como segunda língua; estudantes que possuem dificuldade de aprendizado; estudantes que estão em risco de largar o colégio.

A trama do filme gira em torno da necessidade de criarmos vínculos reais em sala de aula, conhecendo nossos alunos, despertando para suas histórias de vida. Para isso, a metodologia de ensino empregada pela professora é iniciada com a leitura do livro “O Diário de Anne Frank³⁰” e a escrita de seus próprios diários. Além disso, a docente busca fazer os alunos refletirem a respeito de suas vivências, estabelecendo uma relação com o texto lido e percebe que é preciso romper os muros da sala de aula, organizando uma visita ao museu do holocausto. Essa visita possibilitou aos jovens saberem os efeitos traumáticos da ideologia da “grande gangue” nazista, que provocou a 2ª Guerra Mundial e o holocausto, e também reconhecer as semelhanças com suas “pequenas gangues” da escola.

Interação do discurso na vida e na arte: linguagem cinematográfica dos Escritores da Liberdade

O cinema possui linguagens específicas, e seu discurso poderia ser estudado a partir de conceitos de estruturas das cenas, ou pela sequência narrativa das cenas fragmentadas, ou pela conciliação dos vários gêneros que compõem o gênero filme. O que nos interessa, nessa seção, é a contemplação artística via leitura de uma obra que começa pela imagem visual das palavras associadas a outros fatores verbais, como articulação, imagem sonora, entoação, significado, enfim para além da fronteira do linguístico, uma análise sociológica (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1976). Segundo esses autores,

³⁰ Este livro é talvez uma das obras mais vendidas e conhecidas em todo o mundo. Nele se retrata uma época histórica, 2ª guerra mundial. É um diário da vida num pequeno anexo, de 12 de Junho de 1942 a 1º de Agosto de 1944, da família de Anne Frank, uma família igual a tantas outras, mas judia. Esta era uma razão crucial, do ponto de vista dos alemães, para serem perseguidos pelas tropas de Hitler. O diário transmite as angústias, as emoções de uma criança perante o terror que a cerca, sob a forma de cartas a uma amiga imaginária a que chamou de "Kitty". No início, ainda em liberdade, Anne Frank descreve o seu dia-a-dia, normal e em tudo semelhante ao dia-a-dia de qualquer adolescente de 13 anos. Progressivamente vamos sendo envolvidos na sua angústia e nos problemas de uma vida partilhada no pequeno anexo por oito pessoas. Termina com a invasão do anexo pela "GrünePolizei", a prisão dos habitantes, que foram levados para campos de concentração. O anexo foi depois pilhado pela Gestapo. É comovente saber que não se trata de uma simples história de ficção, mas testemunha um período crucial na história da Europa e do Mundo.

é preciso insistir sobre o fato de que não somente a atividade mental é expressa exteriormente com a ajuda do signo (assim como nos expressamos para os outros por palavras, mímica ou qualquer outro meio) mas, ainda, que para o próprio indivíduo, ela só existe sob a forma de signos. Fora deste material semiótico, a atividade interior, enquanto tal, não existe. Nesse sentido, toda atividade mental é exprimível, isto é, constitui uma expressão potencial. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p.51)

A comunicação humana é erigida por seres que interagem de forma diferente, produzem linguagem e estabelecem relações que se diversificam conforme uma série de fatores, dentre eles, os papéis sociais, a relação interpessoal, a situação de comunicação, os propósitos e o gênero de discurso. Nessa perspectiva, a linguagem é plural e complexa, cujos usos apresentam diversos modos de produzir sentido. A linguagem é formada por um conjunto de semiologias, incluindo o verbal e o não verbal e é constitutiva do sujeito. No caso do gênero filme, a linguagem cinematográfica é constitutiva de vários elementos semióticos, como por exemplo, animações feitas em computador.

Bakhtin/Volochinov consideram a linguagem em seus aspectos sócio-históricos culturais e movimentada por sujeitos. Os enunciados não são vistos como entidades abstratas, separados das condições de produção, mas como acontecimentos determinados por suas condições contextuais de produção/recepção.

Em vários escritos de Bakhtin/Volochinov e o Círculo, esses estudiosos constroem uma nova teoria a partir da crítica às duas tendências vigentes nos anos vinte do século passado: a estilística clássica que se baseia no idealismo e o estruturalismo situado nos estudos da forma. Essas teorias não davam conta do funcionamento da língua e surge a terceira tendência que considera a linguagem em uso e o sujeito inserido na história produzindo sentido nessa interação. Destacamos, aqui, uma atenção especial ao texto “Discurso na Vida e Discurso na Arte” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926]1976) que propicia uma discussão sobre a poética sociológica, sobre o método sociológico aplicado aos estudos literários. Embora a obra trate de reflexões sobre literatura, compreendemo-na pertinente à análise de qualquer gênero discursivo, verbal ou não verbal; assim consideramos o gênero filme representante de uma obra com valor poético, artístico, estético que estabelece, segundo Volochinov/Bakhtin ([1926]1976, p.3), “uma forma especial de inter-relação entre criador³¹ e contemplador fixada em uma obra de arte”.

Para esses autores,

³¹ Neste texto, as palavras criador, autor, poeta são similares e se referem a quem constrói o texto; do mesmo jeito que contemplador, auditório, ouvinte equivalem a quem recebe o texto.

a comunicação artística deriva da base comum a ela e a outras formas sociais, mas, ao mesmo tempo, ela retém, como todas as outras formas, sua própria singularidade; ela é um tipo especial de comunicação, possuindo uma forma própria peculiar. Compreender esta forma especial de comunicação realizada e fixada no material de uma obra de arte – eis aí precisamente a tarefa da poética sociológica. (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926]1976, p.3)

Reconhecendo que a linguagem cinematográfica possui sua própria singularidade, de acordo com o estilo da obra e do diretor, muitas vezes ela se aproxima da realidade objetiva como em *Escritores da Liberdade*, outras vezes cria uma ficção ou uma verossimilhança. Sendo assim, cada palavra representa um julgamento de valor de seu criador, sua forma como sua expressão direta. Volochinov/Bakhtin ([1926]1976, p.10) afirmam que

julgamentos de valor, antes de tudo, determinam a *seleção de palavras* do autor e a recepção desta seleção (a co-seleção) pelo ouvinte. O poeta, afinal, seleciona palavras não do dicionário, mas do contexto da vida onde as palavras foram embebidas e se impregnaram de julgamentos de valor.

Assim, num filme, a palavra escolhida está em consonância com a empatia, com a concordância ou discordância de seu auditório, com sua relação ao seu objeto do enunciado, em relação ao herói³². O auditório e o herói são participantes constantes do evento criativo e “pela mediação da forma artística, o criador assume *uma posição ativa com respeito ao conteúdo*.” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1976, p.10), mas o ouvinte afeta a inter-relação do criador e do herói. Por exemplo, em *Escritores da Liberdade*, a crítica levantada à maneira estruturalista de ensino de língua pode sensibilizar o ouvinte e aproximá-lo do autor que critica ou pode afastá-lo. Há personagens que representam o corpo docente da escola com posições diferentes de agir e pensar em educação de comunidades tidas como problemáticas. Parece-nos importante a ocupação diferenciada desses participantes, pois, por meio da analogia de posturas, se constrói a ideologia defendida pelo autor do texto.

A teoria bakhtiniana enfatiza, ainda, a mobilidade, a diversidade, a pluralidade de usos da língua e de sentidos. O modo de construir sentido ocorre no processo de interação, no qual a palavra possui um acento apreciativo, ora reiterando ora alterando sua consistência significativa. É esse *acento apreciativo* ou avaliativo que dá vida à palavra, e ele muda conforme o contexto. Uma mesma

³² A palavra “Herói” na obra *Discurso na vida e discurso na arte*, de Volochinov/Bakhtin (1976), é compreendida como objeto do enunciado, o tópico, o assunto, aquilo do que se fala.

palavra pode, ainda, adquirir sentidos diferentes conforme a entoação expressiva, assim como a enunciação, que também possui uma orientação apreciativa. Para Bakhtin/Volochinov (1981, p.132): “sem acento apreciativo não há palavra”. A palavra vai acumulando os sentidos das suas diversas utilizações ou na prática viva da língua. O acento dá o tom da conversa ou orienta para o sentido da enunciação. É às entoações que se devem as apreciações, e a estas devemos as significações, que são formadas no horizonte do interlocutor.

Conforme Bakhtin/Volochinov (1929/1981, p.106), “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” que não é fixo nem é uma situação isolada, mas algo a se precisar. A palavra assume um sentido em cada contexto, fato que mostra o caráter polissêmico e plurivalente que ela comporta pela natureza dialógica da linguagem. Para esse autor, são tantas as significações quantos forem os contextos, que não estão prontos, mas sempre em situação de interação (cf. ALMEIDA; SANTOS, 2010). Para Bakhtin/Volochinov (1929/1981, p.41), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.”

Nessa abordagem, toda enunciação só pode ser concebida como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, sendo a ela que devemos as mudanças semânticas. Bakhtin/Volochinov (1929/1981, p.131-132) assegura que “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente.” A compreensão é sempre uma reação ao que o outro disse e provoca uma resposta. No processo de compreender, os interlocutores introduzem o objeto a ser compreendido no contexto potencial da resposta. Todos esses valores se juntam no momento da produção do sentido que se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva, *forma de diálogo* que leva à formulação de uma *contrapalavra* (cf. ALMEIDA; SANTOS, 2010). A concepção de *compreensão responsiva* é fundamental para entendermos o funcionamento da linguagem, em especial a linguagem cinematográfica.

Sobral (2009) apresenta uma proposta de análise enunciativa com base nas obras do Círculo de Bakhtin que nos parece interessante, embora não tenhamos a finalidade de realizá-la com profundidade nesse trabalho, mas apenas levantar questões da ordem do discurso em sua inserção social e histórica como assimilação do mundo.

Parte-se do objeto e busca-se seguir uma sequência lógica de análise que começa pela materialidade do texto, vai até a discursividade e a genericidade e então retorna a essa materialidade, reunindo nas etapas de interpretação elementos textuais,

elementos da ordem do discurso e elementos do gênero em sua inserção social e histórica como forma de apropriação (necessariamente valorativa, interessada, não indiferente) do mundo. (SOBRAL, 2009, p.90)

Vale dizer que “autor, herói e ouvinte em parte alguma se fundem numa só massa indiferente – eles ocupam *posições autônomas*, eles são na verdade ‘lados’” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926]1976, p.14) de um evento artístico com uma estrutura social específica. No caso investigado, nesse trabalho, a linguagem cinematográfica do filme *Escritores da Liberdade* mostra problemas psico-sócio-culturais que atingem a escola contemporânea em qualquer parte do mundo, dá visibilidade à diversidade dos grupos, à intolerância para com “os outros”, ao boicote às aulas, à prontidão para aumentar os índices de violência entre os jovens. Apresenta, também, no início um modelo tradicional de ensino de língua, o ensino de conteúdos abstratos inúteis a vidas dos alunos sem possibilidade de melhora na realidade e apresenta uma proposta inovadora de ensino que procura desfazer a visão de vítimas reativas e cobra-lhes *responsabilidade* por suas escolhas e seus atos de exclusão para com os diferentes, motivando-os a serem sujeitos de sua história.

Para encerrar essa seção, as reflexões nos incitam a perceber que o discurso na arte, como em *Escritores da Liberdade*, agrupa valores, proporciona uma visão de mundo, representados em um discurso na vida, nas ações do cotidiano, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido que não estão apenas no texto, mas no contexto externo. Seu plano de expressão artístico considera as esferas ideológicas e os sujeitos constituídos, elementos que não se podem esquecer ao se fazer uma leitura de uma obra de arte numa perspectiva sociológica.

A polifonia em *Escritores da Liberdade*

Nesta seção, levantamos uma breve discussão a respeito das vozes que circulam no filme. Para Bakhtin, todo discurso é um processo heterogêneo (conjunção de discursos entre eu e o outro), por isso não é uma obra fechada e acabada de apenas um indivíduo.

Nossas palavras não são ‘nossas’ apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam (TEZZA, 1988, p.55).

A voz da professora Erin Gruwell ecoa como a voz de centenas de professores que acreditam na educação e lutam por uma sociedade mais justa. Assim, as relações dialógicas que envolvem a personagem da professora não acontecem somente entre discursos interpessoais (seja escrito ou oral), elas abarcam a diversidade das práticas discursivas de maneira mais ampla e aberta. Outro nível em que o dialogismo pode ser ouvido é aquele do relato dos alunos. Trata-se sempre de história que afirmam a presença de um outro que fala ou que age no interior da ação ou da palavra do aluno.

A palavra “polifonia” foi cedida da arte musical e é entendida como “o efeito obtido pela sobreposição de várias linhas melódicas independentes, mas harmonicamente relacionadas”. Bakhtin emprega-a ao analisar a obra de Dostoiévski, considerada por ele como um novo gênero romanesco – o romance polifônico” (TEZZA, 2002, p.90). Revela-se, dessa forma, que o discurso é perpassado por outros discursos compondo as várias linhas melódicas.

Bezerra (2005, p.191), no texto “Polifonia”, aponta duas modalidades do romance contidas nos estudos de Bakhtin: monológico e o polifônico. “À categoria do monológico estão associados os conceitos de monologismo, autoritarismo, acabamento; à categoria de polifônico, os conceitos de realidade em formação, inconclusibilidade, não acabamento, dialogismo, polifonia”. Ele acrescenta que, segundo Bakhtin,

monologismo o autor concentra em si mesmo todo o processo de criação, é o único centro irradiador da consciência, das vozes, imagens e pontos de vista do romance: “coisifica” tudo, tudo é objeto mudo desse centro irradiador. O modelo monológico não admite a existência da consciência responsiva e isônoma do outro; para ele não existe “eu” isônimo do outro, o “tu”. (BEZERRA, 2005, p.192).

Bezerra (2005) afirma que, para a representação literária, a passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência. No enfoque polifônico, a autoconsciência da personagem é o traço dominante na construção de sua imagem, e isso pressupõe uma posição radicalmente nova do autor na representação da personagem.

A respeito de polifonia, o autor assegura que a polifonia é caracterizada

pela posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável. Trata-se de uma mudança radical da posição do autor em relação às pessoas representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades (BEZERRA, 2005, p.194).

Se observarmos o filme *Escritores da Liberdade*, há uma variedade de personagens composta pela professora, seus alunos, os funcionários da escola, as famílias dessas personagens, a cúpula que representa o Ministério de Educação, suas vidas e dramas que povoam toda a obra; no entanto, o que vale destacar, conforme aponta Bakhtin (2005, p.2) em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, é a “multiplicidade de vozes e de consciências independentes”. A sequência narrativa da trama apresenta as personagens como se elas não parecessem reproduzir o pensamento de um autor, mas como donos de seus próprios discursos, dando a impressão de o texto ter sido escrito por vários autores, cada qual apresentando a sua visão do mundo.

É evidente que o autor ouviu os relatos da professora Erin Gruwell e de seus alunos; porém, mesmo que isso não tivesse acontecido, poderíamos afirmar que suas personagens são polifônicas, resultado da expressão de diversos indivíduos autônomos e livres em relação ao autor. Os textos polifônicos se caracterizam pela falta de acabamento e de solução do herói³³. A posição do autor em relação ao herói é dialógica, proporcionando, do início ao fim, autonomia e liberdade interna. O texto, não sendo fechado, permitirá ao leitor maior produção de sentidos – *a polifonia*. Para Bakhtin, “o princípio composicional de Dostoiévski” e o elemento definidor da polifonia é “a unificação das matérias mais heterogêneas e mais incompatíveis” e a existência de “centros-consciências não reduzidos a um denominador ideológico” (BAKHTIN, 2005, p.12).

Escutar os relatos nos leva a acreditar que a escrita do autor traz, no movimento de interação social, marcas profundas de sua sociedade, seu núcleo familiar, suas experiências, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ouvir ou ler, tendo em vista também seu contexto social. De acordo com a perspectiva dialógica de Bakhtin (1981), os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos, as quais ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as réplicas ao dizer do outro, que por sua vez vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante.

Amorim (2004), ao tratar de polifonia, destaca o jogo de linguagem como uma forma particular e radical de dialogismo que evoca a expressão bakhtiniana: a palavra se dirige. Assim, as palavras são impossíveis, mas o verbo é o mesmo: dirigir-se. Movimento chave de toda enunciação que se dirige mesmo em silêncio. No filme analisado, várias vezes, em cenas diversas, podemos perceber o movimento da enunciação, mesmo em silêncio. Por exemplo, cenas em que os alunos liam o livro “*Diário de Anne Frank*” sozinhos em casa, momentos em que a professora pensa, planeja as

ações do próximo dia, ou cenas, por exemplo, que indicam a preparação de uma espécie de quermesse para conseguir dinheiro para a visita ao museu. As cenas parecem um filme mudo, mas a palavra é dirigida mesmo no silêncio, e a diversidade de vozes independentes produz, nesses trechos do filme, diferentes efeitos de sentidos repercutindo múltiplas ideologias. Ideias de motivação, luta, garra por aquilo que faz, planejamento e projeção de ações. Enfim, a professora Erin dá voz própria a seus alunos como um recurso especial para solucionar os problemas deles.

Um trecho específico em que vmosa polifonia, presença de vozes emergindo, é a cena em que a professora Erin Gruwell lê o diário de seus alunos. Observamos que o gênero diário é composto por textos de diferentes extensões, que respeitam o transcorrer do tempo sem necessariamente conter linearidade, por isso pode abrigar narrativas de caráter mais íntimo e pessoal, mas também simples registros fragmentados de acontecimentos do cotidiano, geralmente aqueles que representavam sofrimento ou uma necessidade de expressar, dividir sentimentos de revolta jamais partilhados naquele contexto em sala de aula, embora interferissem na efetiva aprendizagem.

Vale ressaltar que a utilização prática de um ponto de vista histórico do gênero *diário* começa a destacar-se a partir do século XIX devido às mudanças históricas e sociais desenvolvidas neste período, quando havia contradições entre certos princípios como o da liberdade e da igualdade e as condições reais do dia a dia vividas pelos indivíduos que foram levados a questionar sobre a sua própria identidade, e a tentar encontrar soluções para essas e outras contradições, por meio da escrita de diários, procurando manter a ordem tradicional ora rompida, fazendo e registrando assim a história de cada um que o escrevesse. (MACHADO, 1998, p.21-22).

A análise revela que a escrita do diário é polifônica na qual se deixa transparecer uma consciência individual que é extremamente social. Salva (2009) afirma que escrever sobre si é um encontro profundo consigo, é algo que se conecta à subjetividade. Escrever sobre si é, de certa forma, esculpir a própria existência, deixar as marcas, por meio da palavra escrita, de um eu que, por meio dessa prática, se exterioriza, de um sujeito que passa a existir para além do corpo orgânico. Escrever sobre si é fazer-se existir com sentido de verdade, é construir-se como ser que tem um significado no mundo.

O filme nos incita a pensar a escola como um lugar *exotópico* (conceito bakhtiniano) em que a busca de encontro se dá. Como encontrar o outro, como fazê-lo falar, como se fazer ouvir, como compreendê-lo, como traduzi-lo, como influenciá-lo ou como deixar-se influenciar por ele. O sujeito

³³ A palavra “herói” em Problemas da Poética de Dostoiévski se refere a personagem

emerge através dos processos de interação social, como alguém que é (re)constituído por meio das várias práticas discursivas das quais participa, e quem sabe seja isso que falta em nossas escolas, o estímulo à liberdade de escrever e ser ouvido.

Considerações Finais

Retomando as questões introdutórias desse trabalho, podemos enfatizar que fazer a leitura de Escritores da Liberdade numa perspectiva bakhtiniana é a possibilidade de perceber qualquer objeto de arte, qualquer texto, como um fenômeno social. Dessa maneira, as relações entre discurso, enunciado, com o outro, com o contexto sócio-histórico são determinantes para quem se propõe a fazer uma análise dialógica do discurso; um olhar voltado às relações internas ao discurso e outro às externas, é reconhecer um discurso ideologicamente marcado por coerções sociais.

Outro ponto é a concepção de linguagem dialógica, marcada pela presença do outro, na vida ou na arte; a unidade do texto pode ter uma harmonia das vozes (polifonia) ou o apagamento das vozes discordantes (monofonia). No artístico, a inter-relação do autor, do leitor e da obra deve ser colocada lado-a-lado como partes de um todo, pois as potencialidades da forma artística são representações dos enunciados da fala da vida e das ações cotidianas, portanto, aceitas ou não por uma sociedade.

Ler uma obra de arte é muito mais do que olhar a sua forma, mesmo em enunciações fílmicas irreais, os valores sociais e éticos estão presentes. Parafraseando Morin (1984 apud SETTON, 2002), cremos ser necessário salientar aqui a realidade do cinema, com sua pluralidade de produtos e mensagens, com sua capacidade de circulação, como uma nova matriz cultural. Mais do que isso, consideramos a cultura de massa, os gêneros do cinema, dividindo uma responsabilidade pedagógica com os agentes tradicionais da educação. Assim, difundindo múltiplas informações e referências identitárias, pode alimentar-se de, ou concorrer com, em uma conflituosa e ambígua relação, modelos normativos da família e da escola. Esse é um grande desafio, aprender a fazer uma leitura dialógica desses discursos que circulam na arte e na própria vida.

protagonista, sentido empregado neste parágrafo, diferentemente do sentido na 3ª seção deste artigo.

Referências

ALMEIDA, Maria de Fátima; Santos, Eliete Correia dos. Contribuições de Bakhtin para a ciência da informação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL LINGUAGEM E INTERAÇÃO II. **Anais da UNISINOS**, São Leopoldo- RS: UNISINOS, 2010.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução direta do russo por Paulo Bezerra. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BAKHTIN, Mikhail [Volochinov]. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 1981.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave** São Paulo: Contexto, 2005. p.191 – 200.

MACHADO, Anna Raquel. **O diário de leitura: a introdução de um novo instrumento na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SALVA, Sueli. O diário autobiográfico: a potência desse gênero discursivo na prática pedagógica. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17. 2009. Campinas. **Anais do 17º COLE**, Campinas, SP, : ALB. Disponível em: <http://www.alb.com.br/portal.html>. Acesso em: 8 dez. 2009. ISSN: 2175-0939

SETTON, M. G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20. 2002. p.60-70.

SOBRAL, Adail. Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de Análise. In.: **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.85-103, 1o sem.: 2009. p.86-103.

TEZZA, Cristovão. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. In: *Faraco et al. Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988.

_____. **Polifonia e ética**. Revista *Cult* nº 59, Ano VI, julho de 2002 VOLOCHINOV [BAKHTIN]. Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. In: Volochinov, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, [1926] 1976.

VOLOCHINOV [BAKHTIN]. Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. In: Volochinov, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, [1926] 1976